

O TURISMO DE NATUREZA COMO ATRATIVO TURÍSTICO DO MUNICÍPIO DE PORTALEGRE, RIO GRANDE DO NORTE

NATURE TOURISM AS TOURIST ATTRACTION OF THE PORTALEGRE, RIO GRANDE DO NORTE

Fernanda Cauper Viana & Marcos Antonio Leite do Nascimento

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

Natal RN - caxexa@yahoo.com.br

Resumo

O Município de Portalegre, no Rio Grande do Norte, possui um rico acervo histórico, cultural e ambiental, apresentando recursos potenciais e infra-estrutura viáveis economicamente para o turismo. O presente trabalho tem como objetivo principal analisar a aplicabilidade do turismo de natureza, com ênfase no ecoturismo, geoturismo e turismo de aventura no referido município. Na tentativa de diversificar a atividade turística no interior do Rio Grande do Norte, investigar e analisar a existência do turismo de natureza no Estado, bem como avaliar a situação atual da atividade turística em Portalegre, com a finalidade de conhecer quais as perspectivas referentes a este segmento. Para tal diagnóstico foram utilizados dados obtidos através de fontes secundárias (bancos de dados, bases de dados), observação in loco, bem como através de entrevistas com o poder público e com a população. A partir de um conjunto de ações já formulados no Município – da população, da iniciativa privada e pública – é possível aproveitar de forma sustentável os atrativos turísticos da localidade, garantindo benefício a todos os atores do processo. No entanto, é necessário que as autoridades competentes, bem como os investidores do setor promovam uma mudança na conduta turística vigente, atingindo níveis sociais elevados, para que dessa forma o processo turístico transcorra até atingir os objetivos ambientais, sociais e econômicos desejados. Para que essas metas sejam alcançadas foram elaboradas sugestões pertinentes ao processo, que alteram a estrutura física e organizacional atual, saudável a implantação do presente trabalho.

Palavras-Chave: Portalegre, Turismo de Natureza, Ecoturismo, Geoturismo, Turismo de Aventura.

Abstract

The City of Portalegre, in the Rio Grande do Norte, possess a rich historical, cultural and ambient quantity, presenting viable potential resources and infrastructure economically for the tourism. The present work has as objective main to analyze the applicability of the nature tourism, with emphasis in the ecotourism, geotourism and adventure tourism in the related city. In the attempt to diversify the tourist activity in the interior of the Rio Grande do Norte, to investigate and to analyze the existence of the tourism of nature in the State, as well as evaluating the current situation of the tourist activity in Portalegre, with the purpose to know which the referring perspectives to this segment. For such diagnosis they had been used given gotten through secondary sources (data bases, databases), comment in I lease, as well as through interviews with the public power and the population. From a set of formulated actions already in the City - of the population, of the private and public initiative - it is possible to use to advantage of sustainable form attractive tourist of the locality, being guaranteed the benefit to all the actors of the process. However, it is necessary that the competent authorities, as well as the investors of the sector promote a change in the effective tourist behavior, reaching high social levels, so that of this form the tourist process flows until reaching the ambient, social and economic objectives desired. So that these goals are reached had been elaborated pertinent suggestions to the process, that modify current the physical and organizacional structure, healthful the implantation of the present work.

Key-Words: Portalegre, Nature Tourism, Ecotourism, Geotourism, Adventure Tourism.

Introdução

O A atividade turística, nas últimas décadas, desenvolveu um crescimento bastante significativo,

favorecido por fenômenos culturais, econômicos e sociais. De acordo com Ansarah (1999, p. 17),

o desenvolvimento tecnológico dos transportes, o maior tempo livre e as

melhores condições das pessoas, aliados às necessidades de evasão, de fuga dos grandes centros (como forma de recuperação do equilíbrio físico e espiritual de seus moradores), alteram o setor turístico. Como resultado obteve-se o acréscimo no número, de pessoas que viajam e o desenvolvimento da infra-estrutura e dos equipamentos turísticos.

No Brasil, somente há duas décadas o turismo começou de fato a desenvolver-se como atividade econômica. A modificação da postura da sociedade frente à atividade turística fez com que o governo formulasse uma política nacional de turismo, destacando a inserção do país no cenário mundial, impulsionando dessa forma a economia nacional. Essa política propunha o fomento turístico por intermédio de programas a serem difundidos por todas as regiões, entre eles está o PNMT – *Programa Nacional de Municipalização do Turismo* – e que atualmente, na vigência do Governo do Presidente Lula, foi reformulado e renomeado para PNT – *Plano Nacional de Turismo* – com o *Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil* que tem como pretensão transformar os municípios com potencial turístico em pólos capacitados para a gestão compartilhada com a iniciativa privada e esferas do Governo Federal, na tentativa de minimizar os problemas financeiros encontrados nessas áreas e superar a dificuldade da gestão centralizada (Ministério do Turismo, 2004).

É nesse contexto que o Rio Grande do Norte está inserido, uma vez que se for feita uma análise quanto ao desenvolvimento da sua atividade turística, percebe-se que o mesmo esteve ligado, durante sua evolução em sua maioria à Grande Natal, dando um enfoque especial ao “Turismo de Sol e Praia” – segmento do Turismo praticado em regiões litorâneas. No entanto, é indiscutível a capacidade turística do Estado, visto que existem paisagens diversificadas que variam desde praias desertas até regiões de altitude formadas por serras, picos e montanhas. Sendo assim, surge a necessidade de buscar e apresentar ao mercado um produto diferenciado, incrementando o leque de atividades oferecidas ao turismo potiguar.

Diante deste cenário, compreende-se a importância para a economia local a implantação de um novo segmento da atividade turística: o Turismo de Natureza – no nosso caso com ênfase no ecoturismo, geoturismo e turismo de aventura.

Assim, uma das formas de promover a interiorização do turismo no Estado é através da prática do turismo de natureza, visto que o Rio

Grande do Norte dispõe de ambientes propícios para o desenvolvimento desta atividade.

O município de Portalegre, situado no Alto Oeste do Estado, apresenta recursos potenciais que podem ser viabilizados economicamente pelo turismo - aspectos ligados à natureza, como vegetação, clima, relevo e hidrografia, bem como atrativos históricos e culturais - diversificando os atrativos oferecidos a nível estadual, além de vir a dinamizar a economia local em um período compreendido pela baixa estação na região litorânea do Estado, amenizando assim, o antigo problema da sazonalidade. Com isso, é necessário elaborar um planejamento que vise a sustentabilidade desse ambiente, aliando o crescimento do fluxo contínuo até atingir a capacidade de carga, com fiscalizadores (os próprios moradores e funcionários do setor) que protejam o meio ambiente, sendo este o principal atrativo do município.

Turismo de Natureza

De acordo com McKerher (2002), o turismo de natureza engloba ecoturismo, turismo de aventura, turismo educacional e uma profusão de outros tipos de experiências proporcionadas pelo turismo ao ar livre e alternativo. É o segmento de mais rápido crescimento na indústria turística em diversos países.

O turismo baseado na natureza é em muitos países uma componente chave da indústria turística (EAGLES, 2001). Segundo o mesmo autor, este setor do turismo depende fundamentalmente de duas componentes: níveis de qualidade ambiental e níveis de satisfação do consumidor, tendo já crescido suficientemente para que possa ser subdividido em vários segmentos de mercado diferentes.

Neste âmbito, Eagles (2001) utilizando uma metodologia baseada nas motivações, reconhece pelo menos quatro nichos de mercado no turismo baseado na natureza: ecoturismo, turismo de aventura, vida selvagem e campismo (Figura 1). Porém, segundo esse mesmo autor, outros segmentos podem ser identificados.

Estes nichos de mercado encontram-se em diferentes estágios no ciclo empresarial, encontrando-se o ecoturismo e o turismo de aventura num estágio ainda com um grande potencial de crescimento, o turismo relacionado com a vida selvagem num estágio em que já atingiu o máximo potencial de crescimento e o campismo num estágio em que já se encontra em declínio (EAGLES, 2001).

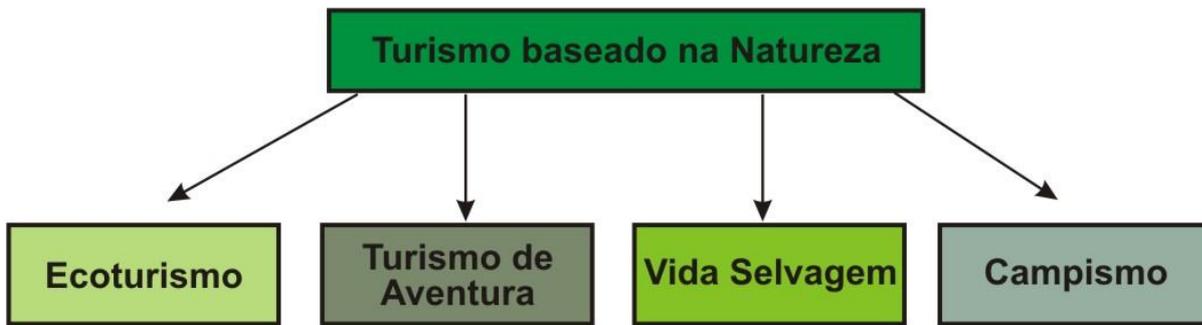


Figura 1 – Nichos de mercado do turismo baseado na natureza. Fonte: Eagles, 2001.

Para além dos quatro nichos de mercado identificados no turismo da natureza por Eagles (2001), outras sugestões são apresentadas, como a subdivisão deste tipo de turismo em apenas dois nichos de mercado, sendo eles o ecoturismo e o turismo de aventura (Figura 2). Nesta perspectiva, o ecoturismo, bem como o turismo de aventura, são subsegmentos do turismo da natureza, embora só o ecoturismo estabeleça ligações com o turismo rural e cultural, o que não sucede com o turismo de aventura (WOOD, 2002).

Apesar do ecoturismo constituir a versão mais sustentável do turismo da natureza é certo que todas as atividades turísticas, sejam elas em férias, negócios, conferências, congressos, feiras, de promoção da saúde e do bem-estar ou de aventura devem ter como meta a sustentabilidade (WOOD, 2002)

Utilizando, tal como Eagles (1995), o critério da motivação na distinção dos nichos de mercado enquadrados no turismo da natureza, Wood (2002) refere que enquanto no ecoturismo a principal motivação é a observação e apreciação dos elementos naturais e culturais, no turismo de aventura é o exercício físico e as situações de desafio em ambientes naturais.

Neste artigo optou-se por trabalhar dentro do turismo de natureza os segmentos do ecoturismo e do turismo de aventura. Contudo, será acrescentando ao ecoturismo um novo nicho de mercado que vem se despontando no Brasil, mas que já é bastante conhecido (e praticado) na Europa e Estados Unidos, o chamado Geoturismo.

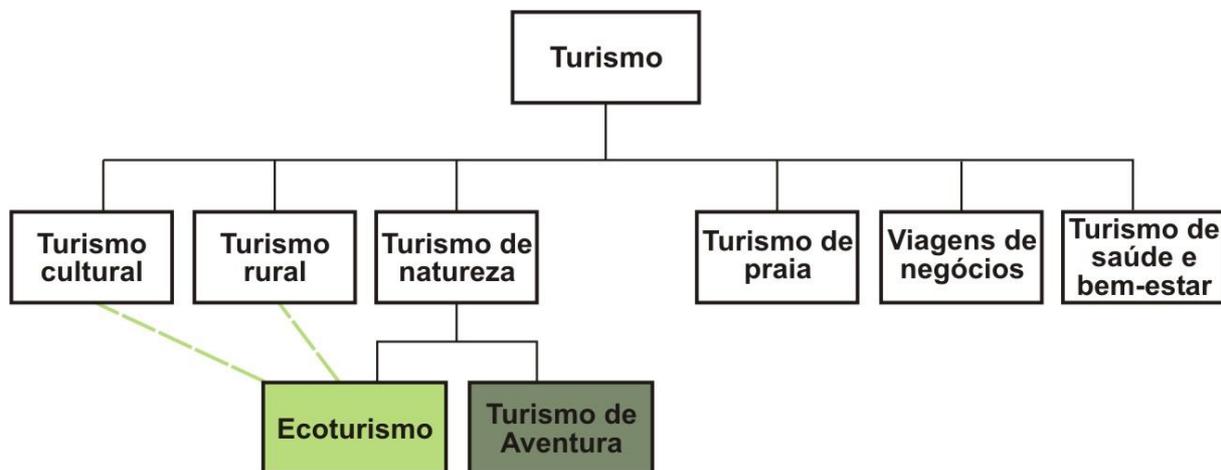


Figura 2 – Posicionamento do ecoturismo no amplo mercado do turismo. Notar a ligação entre o ecoturismo com o turismo rural e cultural, o que não ocorre com o turismo de aventura. Fonte: Wood, 2002.

O Ecoturismo

Muito já foi escrito sobre ecoturismo, mas pouco é o consenso sobre o seu significado, devido principalmente a muitas formas em que as atividades do ecoturismo são oferecidas por uma grande diversidade de operadores, praticadas por uma variedade ainda maior de tipos de turistas.

Muitas também são as definições para o termo ecoturismo. Um dos primeiros a utilizar e definir a atividade ecoturística foi Ceballos Lascuràin, na década de 1980, conceituando ecoturismo como:

A realização de viagens para áreas naturais não perturbadas ou contaminadas, com o objetivo de admirar, gozar e estudar a paisagem, sua flora e fauna assim como as culturas passadas e presentes em tais áreas. (CEBALLOS-LASCURÀIN, 1987).

Nos últimos anos tem-se percebido um grande avanço em termos de publicações sobre ecoturismo no Brasil, com destaque para as obras de Lindberg e Hawkins (1998), Pires (1998), Wearing e Neil (2001), Costa (2002), Fennell (2002), Kinker (2002), Rodrigues (2003), Mendonça e Neiman (2005) e Machado (2005). Nessas publicações inúmeras são as definições sobre ecoturismo.

Em Fennell (2002) são citadas, por exemplo, quinze diferentes definições para o termo ecoturismo. Cujas comparações o referido autor resume na tabela 1. Esta tabela possibilita uma comparação entre as definições, através dos principais princípios.

Tabela 1 – Comparação entre as definições de ecoturismo.

Principais princípios de definição ^a	Definições														
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15
Interesse na natureza	X	X			X	X	X	X		X	X			X	X
Contribuição à conservação			X		X	X	X	X	X	X			X	X	X
Apoiado em parques e áreas protegidas	X		X		X	X		X	X				X	X	X
Benefícios da população local/longo prazo			X		X	X	X		X				X	X	X
Educação e estudo	X	X	X			X					X			X	X
Baixo impacto/não predatório					X							X	X	X	X
Ética/responsabilidade				X					X	X					X
Gestão					X			X			X				X
Sustentabilidade								X			X			X	X
Usufruto/apreciação	X				X									X	
Cultura	X				X									X	
Aventura		X													
Pequena Escala												X			X

Fonte: 1. Ceballos-Lascuràin (1987); 2. Laarman e Durts (1987)^b; 3. Halbertsma (1998)^b; 4. Kutay (1989); 5. Ziffer (1989); 6. Fennell e Eagles (1990); 7. CEAC (1992); 8. Valentine (1993); 9. Sociedade de Ecoturismo; 10. Western; 11. Estratégia Nacional Australiana de Ecoturismo; 12. Brandon (1996); 13. Goodwin (1996); 14. Wallace e Pierce (1996); 15. Fennell (2002).

^a Variáveis classificadas segundo a frequência da resposta. ^b Definições de turismo na natureza.

Pires (1998) fez um levantamento e análise dos conceitos existentes, elaborados pelos diversos setores da sociedade com interesse no desenvolvimento do ecoturismo que tendem a conceber sua própria idéia de ecoturismo em função de seus próprios interesses: os organismos oficiais ligados ao turismo; o *trade* turístico (operadoras, agências, promotores, empresas de viagens etc); o meio acadêmico e finalmente a área governamental.

Das entidades representativas do Trade

“O ecoturismo é a prática de turismo de lazer, esportivo ou educacional, em áreas naturais, que se utiliza de forma sustentável dos patrimônios natural e cultural, incentiva a sua conservação, promove a formação de consciência ambientalista e garante o bem estar das populações envolvidas” (IEB - INSTITUTO DE ECOTURISMO DO BRASIL, 1996).

Dos acadêmicos

O ecoturismo representa

“as viagens realizadas por empresas especializadas com o objetivo de proporcionar ao turista o convívio direto com a natureza, respeitando os princípios do desenvolvimento sócio-econômico das destinações, promovendo a educação ambiental e a sustentabilidade dos meios visitados” (RUSCHMANN, 1994).

Aborda o ecoturismo sob a denominação de turismo ecológico afirmando que

“este atrai aqueles que procuram a natureza para desfrutar de seus recursos no tempo livre, e que este, o turismo de aventura e outras formas criativas são modalidades dirigidas para uma demanda específica e tem sua procura apoiada em recursos naturais

primários e pouco explorados (...)" (TULIK, 1993).

Da área governamental

"Ecoturismo é um segmento da atividade turística, que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações envolvidas" (GRUPO DE TRABALHO INTERMINISTERIAL EM ECOTURISMO – EMBRATUR, 1994).

Este último representa o conceito oficial brasileiro e será utilizado daqui por diante, neste trabalho. Esta definição obtida pela EMBRATUR foi concebida durante as reuniões que deram origem as Diretrizes para uma Política Nacional de Ecoturismo.

As definições colocadas aqui enfatizam a utilização do recurso natural original ou pouco explorado como cenário para o desenvolvimento do ecoturismo. Além de levantar princípios no qual esta atividade deve se desenvolver: sustentabilidade dos recursos, participação da comunidade e a consciência ecológica por meio da educação e interpretação ambiental.

Assim, o ecoturismo se caracteriza por ser um segmento do turismo de natureza que utiliza o patrimônio natural de forma sustentável e que busca sua proteção por meio da sensibilização e da educação ambiental. Porém, o termo patrimônio natural vai muito além dos aspectos relacionados ao meio biótico (ou a biodiversidade). Na verdade o patrimônio natural envolve formações biológicas e geológicas, porém no ecoturismo as formações geológicas não são tratadas com mesmo grau de profundidade, no entanto, embora os aspectos associados ao meio abiótico, especialmente o relevo, também sejam atrativos para o ecoturismo, o maior apelo para este segmento são, sem dúvida, os atrativos relacionados ao meio biótico – fauna e flora.

Considerando esta característica marcante, de privilegiar os atrativos associados ao meio biótico, pesquisadores preocupados em valorizar e em conservar o patrimônio associado ao meio abiótico vêm promovendo a divulgação do geoturismo como um novo segmento do turismo de natureza. Apesar de ainda não estar bem definido, muitos autores preferem usar o termo geoturismo como um (sub)segmento do ecoturismo (Buckley, 2003; Brilha, 2005; Dowling e Newsome, 2006). O que não deixa de ser verdade.

Assim, entende-se que o ecoturismo trataria mais especificamente do meio biótico (fauna e flora – a biodiversidade) como atrativo turístico, enquanto que o geoturismo teria o meio abiótico (a geodiversidade) como principal atração turística. Lembrando que ambos os segmentos sempre se desenvolvendo de forma a promover a conservação do patrimônio natural, histórico e cultural da região visitada.

O Geoturismo

A terminologia "geoturismo" passou a ser comumente utilizada a partir de meados da década de 1990 e uma primeira definição amplamente divulgada foi elaborada por Hose (1995) como sendo:

A provisão de serviços e facilidades interpretativas que permitam aos turistas adquirirem conhecimento e entendimento da geologia e geomorfologia de um sítio (incluindo sua contribuição para o desenvolvimento das ciências da Terra), além de mera apreciação estética.

Em 2000, o autor faz uma revisão no conceito de geoturismo e achou mais adequado utilizar o termo para designar:

A provisão de facilidades interpretativas e serviços para promover o valor e os benefícios sociais de lugares e materiais geológicos e geomorfológicos e assegurar sua conservação, para uso de estudantes, turistas e outras pessoas com interesse recreativo ou de lazer. (Hose 2000).

Mais recentemente, Ruchkys (2007) baseada nas definições da EMBRATUR para segmentos de turismo específicos e nas definições já existentes, definiu geoturismo como sendo:

Um segmento da atividade turística que tem o patrimônio geológico como seu principal atrativo e busca sua proteção por meio da conservação de seus recursos e da sensibilização do turista, utilizando, para isto, a interpretação deste patrimônio tornando-o acessível ao público leigo, além de promover a sua divulgação e o desenvolvimento das ciências da Terra.

Sobre geoturismo, um segmento relativamente recente, ainda existe pouca produção bibliográfica, mesmo em nível internacional. No exterior, muito do que se escreveu sobre esse assunto foi publicado em periódicos/revistas pouco acessíveis no Brasil.

Até o momento, sabe-se que existem apenas dois livros que tratam do assunto diretamente, um em italiano, escrito por Matteo Garofano (presidente da *Associazione Geoturismo*), em 2003, intitulado *Geoturismo: scoprire le bellezze della Terra viaggiando*. Nele são apresentados os principais pontos geoturísticos da Itália proporcionando ao leitor uma viagem por aquele país, além de apresentar sua geologia e trazer sugestões de como organizar uma viagem geoturística. Mais recentemente, no início de 2006, foi lançado o livro *Geotourism: sustainability, impacts and management*, editado por Ross Dowling e David Newsome (ambos da Austrália). O livro além de trazer os conceitos básicos sobre este segmento do turismo, também leva o leitor a conhecer a prática do geoturismo em diversos países do Mundo, tais como: Estados Unidos, Inglaterra, Irlanda, Espanha, China, África do Sul, Austrália e Iran. Finalmente, este livro contempla informações com relação aos diferentes geoparques espalhados pelo mundo e mostra sua importância para o uso sustentável do geoturismo.

Como se pode observar a partir das definições, o geoturismo é uma atividade baseada na geodiversidade, podendo despertar no público um fascínio pelo que é genuíno. A história do Planeta Terra, sem dúvida, possui esta qualidade.

O Brasil, por sua diversidade, possui inúmeras feições geológicas e distintas que podem ser utilizadas com fins turísticos e conservacionistas (Nascimento *et al.* 2005; 2006). Porém, até o momento, nenhuma ação do Poder Público (seja qual for a esfera - nacional, estadual e/ou municipal) ainda permitiu uma melhor caracterização acerca do Geoturismo no País. Ações isoladas, principalmente de pesquisadores de universidades (UFRN e PUC-Minas, por exemplo), vêm promovendo as primeiras discussões acerca do tema aqui no Brasil.

No ecoturismo, por exemplo, utiliza-se a paisagem apenas como mera contemplação. A intenção de utilizar a paisagem (e seu relevo) como atração geoturística vem da necessidade de cobrir uma lacuna do ponto de vista da informação. A idéia é permitir que o turista não só contemple essas paisagens, mas entenda um pouco a respeito dos processos geológicos responsáveis pela sua formação, o que levaria a uma maior valorização do cenário.

O Turismo de Aventura

Inicialmente entendido como uma atividade associada ao ecoturismo, o segmento do turismo de aventura, atualmente, possui características e

consistência mercadológicas próprias e, conseqüentemente, seu crescimento vem adquirindo um novo enfoque de ofertas e possibilidades.

A definição de turismo de aventura inicialmente aceita e utilizada no Brasil foi produto da Oficina para a Elaboração do Plano Nacional de Desenvolvimento Sustentável do Turismo de Aventura, realizada em Caeté - MG, no mês de abril 2001, pela então, EMBRATUR. O turismo de aventura é:

Segmento de mercado turístico que promove a prática de atividades de aventura e esporte recreacional, em ambientes naturais e espaços urbanos ao ar livre, que envolvam riscos controlados exigindo o uso de técnicas e equipamentos específicos, adoção de procedimentos para garantir a segurança pessoal e de terceiros e o respeito ao patrimônio ambiental e sócio-cultural.

Atualmente, a definição adotada pelo Ministério do Turismo é que:

Turismo de aventura compreende os movimentos turísticos decorrentes da prática de atividades de aventura de caráter recreativo e não competitivo (Ministério do Turismo, 2006).

Este conceito fundamenta-se em aspectos que se referem à atividade turística e ao território em relação à motivação do turista, pressupondo o respeito nas relações institucionais, de mercado, entre os participantes e com o ambiente.

Entendem-se como atividades de turismo de aventura aquelas oferecidas comercialmente, usualmente adaptadas das atividades esportivas de aventura, que tenham ao mesmo tempo o caráter recreativo e envolvam riscos avaliados, controlados e assumidos. É importante ressaltar que as atividades de turismo de aventura podem ser conduzidas em ambientes naturais, rurais ou urbanos.

De forma abrangente, o turismo de aventura no Brasil evoluiu pelo mesmo caminho do turismo de natureza, conseqüência de uma consciência crescente sobre os conceitos e práticas do desenvolvimento sustentável, a qual foi fortemente estimulada pela realização da Rio-92.

A década de 1990 foi de grandes mudanças; o ecoturismo passou a constituir um segmento do turismo com organizações próprias. E dentro do ecoturismo, o turismo de aventura foi se diferenciando, adquirindo características próprias e tornando-se inclusive objeto de eventos de referência como a *Adventure Sports Fair* (www.adventuresportsfair.com.br), em São Paulo.

O turismo de aventura no Brasil é realizado em diversos destinos turísticos, sendo, muitas vezes, um dos fatores de indução do desenvolvimento de destinos importantes como o caso de Bonito (MS), Brotas (SP), entre muitos outros. A atividade é caracterizada por:

- Estar na maioria das vezes associada ao turismo de natureza, praticada em ambientes naturais preservados (unidades de conservação e seu entorno) ou relativamente bem preservados, forte interseção com o ecoturismo, sendo muitas vezes confundido como tal;
- diversidade de modalidades oferecidas e praticadas;
- como atividade econômica, possui forte participação de empresas de pequeno e médio porte; e
- envolvimento de empresários que optam pelo empreendimento como estilo de vida e não pela gestão do negócio.

É importante ressaltar que o desenvolvimento do turismo de aventura no Brasil é relativamente recente. As primeiras iniciativas de atividades comerciais datam do início da década de 1990 e a primeira abordagem do poder público para o tema foi realizada nas oficinas de planejamento da Embratur, que duraram de abril de 2001 até abril de 2003. Só em julho de 2003, as empresas deram o primeiro passo para a organização de entidade ou grupo de referência para o segmento, constituindo o Grupo de Empresários de Turismo de Aventura.

A expansão mercadológica foi espontânea e abrangente; hoje o turismo de aventura está amplamente disseminado no Brasil e uma grande variedade de empresas e prestadores de serviço se estabeleceram em todo o território nacional.

A diversidade de práticas de aventura que materializam este segmento varia sob diferentes aspectos, em função dos territórios em que são operadas, dos equipamentos, habilidades e técnicas exigidas em relação aos riscos que podem envolver e da contínua inovação tecnológica. A seguir, há uma lista (não completa) com as mais conhecidas práticas do mercado do turismo de aventura. Ela está agrupada em terra, água e ar, com base em normas reconhecidas internacionalmente.

a) Terra

- **Arvorismo** = locomoção por percurso em altura instalada em árvores e outras estruturas construídas;

- **Atividades ciclísticas** = percurso em vias convencionais e não convencionais em bicicletas, também denominadas de cicloturismo;
- **Atividades em cavernas** = observação e apreciação de ambientes subterrâneos, também conhecidas como *caving* e espeleoturismo;
- **Atividades eqüestres** = percursos em vias convencionais e não convencionais em montaria, também tratadas de turismo eqüestre;
- **Atividades fora-de-estrada** = percursos em vias convencionais e não convencionais, com trechos de difícil acesso, em veículos apropriados. Também denominadas de Turismo Fora-de-Estrada ou *off-road*;
- **Bungue jump** = salto com o uso de corda elástica;
- **Cachoeirismo** = descida em quedas d'água utilizando técnicas verticais, seguindo ou não o curso da água;
- **Canionismo** = descida em cursos d'água transpondo obstáculos aquáticos ou verticais com a utilização de técnicas verticais. O curso d'água pode ser intermitente;
- **Caminhadas** = percursos a pé em itinerário pré-definido;

Curta duração = caminhada de um dia. Também conhecida por *hiking*;

Longa duração = caminhada de mais de um dia. Também conhecida por *trekking*;

- **Escalada** = ascensão de montanhas, paredes artificiais, blocos rochosos utilizando técnicas verticais;
- **Montanhismo** = caminhada, escalada ou ambos, praticada em ambiente de montanha;
- **Rapel** = técnica vertical de descida em corda. Por extensão, nomeiam-se, também, as atividades de descida que utilizam essa técnica; e
- **Tirolesa** = deslizamento entre dois pontos afastados horizontalmente em desnível, ligados por cabo ou corda.

b) Água

- **Bóia-cross** = descida em corredeiras utilizando bóias infláveis. Também conhecida como *acqua-ride*;
- **Canoagem** = percurso aquaviário utilizando canoas, caiaques, *ducks* e remos;

- **Mergulho** = imersão profunda ou superficial em ambientes submersos, praticado com ou sem o uso de equipamento especial; e
- **Rafting** = descida em corredeiras utilizando botes infláveis.

c) **Ar**

- **Asa delta** = vôo com aerofólio impulsionado pelo vento;
- **Balonismo** = vôo com balão de ar quente e técnicas de dirigibilidade;
- **Parapente** = vôo de longa distância com o uso de aerofólio (semelhante a um pára-quedas) impulsionado pelo vento e aberto durante todo o percurso, a partir de determinado desnível;
- **Pára-quedismo** = salto em queda livre com o uso de pára-quedas aberto para aterrissagem, normalmente a partir de um avião; e
- **Ultraleve** = vôo em aeronave motorizada de estrutura simples e leve.

No momento, estão em discussão as normas para a prática do turismo de aventura. O Projeto de Normalização e Certificação visa identificar os aspectos críticos da operação responsável e segura desse segmento e subsidiar o desenvolvimento de um sistema de normas para as diversas atividades. Iniciado em dezembro de 2003, o Projeto é uma iniciativa do Ministério do Turismo, que tem como entidade executora o Instituto de Hospitalidade (IH).

Ao todo serão desenvolvidas 19 normas, que abordarão assuntos como as competências mínimas para condutores das diversas atividades de turismo de aventura, as especificações dos produtos utilizados nessas atividades, a gestão da segurança e as informações mínimas que o cliente deve receber antes de iniciar a prática de uma atividade de turismo de aventura. Todo o processo de desenvolvimento das normas é participativo, buscando envolver todos os interessados nas discussões.

Depois de publicadas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), as normas brasileiras para o turismo de aventura passarão a ser utilizadas pelo Ministério do Turismo como instrumento de definição de políticas públicas, incluindo a regulamentação de atividades do setor. Elas também servirão de referência para a certificação de pessoas e organizações.

Os Atrativos Naturais de Portalegre

A seguir serão relacionados os atrativos naturais (aqueles que proporcionam um contato direto com a natureza) encontrados em Portalegre. Ao final de cada descrição será comentado sua relação com os diferentes segmentos do turismo de natureza aqui abordados – ecoturismo, geoturismo e turismo de aventura.

A Cachoeira do Pinga: Distanto 2,5 km do centro da cidade, descendo a Serra rumo a Viçosa, ao lado direito da estrada encontra-se um dos atrativos naturais mais conhecidos do Município de Portalegre, a Cachoeira do Pinga (Figura 3). Chegando ao local observa-se uma placa que indica a trilha que conduz à cachoeira, onde foram construídas pontes de madeira para facilitar o acesso. Encontram-se também lixeiras e placas informativas a respeito da preservação ambiental do local. O percurso é orientado pelos córregos de água e pela mata nativa. A Cachoeira tem cerca de 30 metros de altura por onde desce a água pura e cristalina.

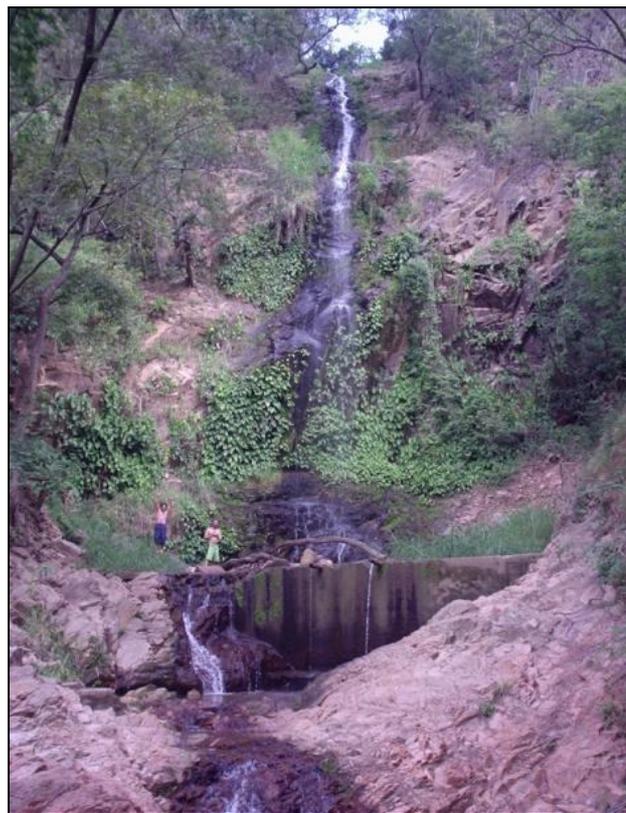


Figura 3 – Visão panorâmica da Cachoeira do Pinga.
 Foto: Fernanda Cauper.

A fauna e a flora nativa, característica do Brejo de Altitude ou Floresta Serrana (proveniente da Mata Atlântica), com biodiversidade diferenciada da vegetação semi-árida que a cerca, oferecem atrativos para o ecoturismo, enquanto que as rochas

(granitos) e a geomorfologia da área permitem a prática do geoturismo. O turismo de aventura pode ser praticado através do rapel, da escalada e do cachoeirismo, no entanto, é pertinente alertar o perigo ali existente para a prática desse segmento do turismo, em virtude da insegurança encontrada, já que ela é frágil e composta por rochas soltas. Vale salientar que a nascente da água que forma a Cachoeira do Pinga encontra-se em outro atrativo, conhecido como Fonte da Bica (VIANA, 2006).

A Secretaria municipal de Turismo e Meio Ambiente é a responsável pela manutenção da trilha em questão, onde a cada quinzena, funcionários responsáveis percorrem o caminho e verificam os possíveis problemas.

A Cachoeira do Sobrado: Distante cerca de 4 km do centro da cidade, na direção sul, próximo à localidade de Sobrado e após longa caminhada por entre rochas, riachos e mata virgem, chega-se a Cachoeira do Sobrado, de onde pode se ver as demais serras da região e a Serra do Martins ao fundo (VIANA, 2006).

Semelhante a Cachoeira do Pinga, o ecoturismo é contemplado através da descoberta de uma fauna e flora ímpar, apenas reconhecida na Floresta Serrana (ou Brejo de Altitude). As rochas associada ao relevo que permitem a formação da Cachoeira possibilita a prática do geoturismo. O turismo de aventura é outra atividade que pode ser praticada desde que bem planejada e com equipamentos seguros e pessoal devidamente capacitados (VIANA, 2006).

A Fonte da Bica: A Fonte da Bica dista 400m do centro da cidade (Figura 4) e está inserida com o Terminal Turístico da Bica. É composta por várias nascentes de água pura e cristalina que brotam naturalmente do solo, é referencial para nativos e visitantes (Figura 5). Ainda encontra-se no local vegetação nativa – o quase extinto, Brejo de Altitude.

No local é possível praticar o ecoturismo através dos atrativos bióticos. A biodiversidade da área é marcada por fauna e flora do Brejo de Altitude. A flora é bem identificada pelas inúmeras árvores e outros tipos de plantas. Interessante é que muitas delas são identificadas por meio de pequenas placas contendo o nome popular da espécie em português e inglês. As principais árvores encontradas são: Timbaubeira, Ingazeira, Cajazeira, Eucalipto, Maria Preta, Jatobazeira e Espinheiro.

A Bica, ao longo dos anos, passou por diversas transformações estruturais e paisagísticas. Atualmente, em virtude do processo turístico do Município, ela conta com infra-estrutura turística

munida de estacionamento, restaurante e banho de bica. Além disso, a preocupação com a conservação do local é evidenciada através das placas encontradas no local. Excelente iniciativa da Prefeitura, em especial da Secretaria de Turismo e Meio Ambiente.



Figura 4 – Entrada principal do Terminal Turístico da Bica. Foto: Juan Aldatz.



Figura 5 – Fonte de água encontrada no terminal turístico. Foto: Marcos Nascimento.

Além do ecoturismo, a área contempla atrativos históricos e culturais. Segundo uma lenda da cidade, este local foi palco de acontecimento que desencadeou a tradição lendária da índia Luíza Cantofa e sua neta Jandy. A lenda conta que Cantofa foi assassinada no momento em que rezava o Ofício de Nossa Senhora, tendo Jandy presenciado a tudo e conseguido escapar ilesa, mas não sendo mais encontrada. Em função disso contam que o local é mal-assombrado. À noite e pela madrugada, ouve-se um som semelhante à voz de quem canta ou chora. Dizem os nativos, ser a voz de Cantofa e o choro de Jandy.

A Fonte do Brejo: Bem próximo ao centro da cidade, na direção leste, tem-se a Fonte do Brejo, representando, junto com a Fonte da Bica, os

primeiros marcos delimitadores das terras de Portalegre. A beleza do lugar é formada pelo riacho que corre tranqüilo por entre as rochas e que em conjunto com a vegetação do local permite perfeitamente a prática do geoturismo e ecoturismo, respectivamente. Seguindo o curso do riacho observa-se uma extraordinária visão panorâmica do sertão potiguar que se estende por toda a encosta da serra. Infelizmente, a falta de sensibilização ambiental permitiu que o local ao longo dos anos fosse descaracterizado. Foi feita uma pequena barragem no local, onde a comunidade pega água para consumo.

O Lajedo Ponta da Serra: Localizado no Sítio Belo Monte, a norte de Portalegre, cerca de 6 km do centro da cidade, encontra-se a Ponta da Serra. Representa um enorme lajedo situado literalmente na ponta da serra e, devido ao relevo irregular formado por depressões na superfície, a água se acumula na época de chuva formando piscinas naturais, que atraem nativos e visitantes a agradáveis banhos bem como deslumbram a planície sertaneja e um belíssimo pôr-do-sol. O local também ideal para a prática do *camping*.

A prática do geoturismo se faz importante nesse atrativo. Aqui é possível reconhecer rochas formadas por granitos, semelhantes as que ocorrem na Cachoeira do Pinga, porém diferente das que são encontradas na região das Torres (outro atrativo a ser apresentado mais adiante). A erosão diferenciada nesses granitos adicionados a fraturas (quebramento das rochas) permite a formação das depressões que são utilizadas como “piscinas naturais”, em época de chuva.

Dos antigos moradores ainda restam as ruínas de uma casa e um engenho de farinha de mandioca.

A Ponta da Serra: Localizado a norte de Bom Sucesso, a cerca de 5 km do centro da cidade, encontra-se outro atrativo com a denominação de Ponta da Serra. No local existem rochas graníticas que servem como ponto para contemplação da paisagem, formado por serras (Martins e Patu) e pela depressão sertaneja (sertão), além das cidades na base da Serra de Portalegre, como Riacho da Cruz, Viçosa, Apodi e Taboleiro Grande. Apesar de não ser um atrativo efetivamente trabalhado, é possível praticar os segmentos relacionados ao turismo de natureza.

As Torres: Este atrativo natural está situado a 3 km, a leste, a partir do centro da cidade de Portalegre. Na verdade, as Torres são formações rochosas que através da erosão diferenciada em rochas sedimentares (arenitos) ocorrido ao longo do tempo geológico permitiu chegar à configuração

atual (Figura 6). Essas rochas sedimentares são mais susceptíveis à erosão (desgaste das rochas através da ação do vento e das águas) do que as outras rochas que ocorrem na região (no caso, os granitos - que são rochas magmáticas). A feição geomorfológica é tão peculiar que lembra realmente verdadeiras torres de castelos medievais, daí sua denominação.

O acesso é feito através de uma trilha de 3 km, a partir do centro da cidade, e dura aproximadamente 40 minutos de caminhada, passando por uma casa de farinha, onde se pode ver todo o processo de fabricação de tal iguaria. As Torres encantam pelo tamanho e pelas crateras e fendas formadas nas rochas. Elas estão situadas a cerca de 645 metros de altitude e de lá se tem uma vista panorâmica do sertão potiguar e das demais serras vizinhas (Figura 7).



Figura 6 – Visão parcial de uma das torres encontrada no local. Foto: Marcos Nascimento.



Figura 7 – Visão geral da cidade de Viçosa (ao fundo), observada de cima das Torres. Foto: Marcos Nascimento.

No local é possível praticar o ecoturismo, principalmente ao longo da trilha que dá acesso às Torres. Ao longo do caminho a flora é exuberante contendo inúmeras flores de diferentes cores. Já o geoturismo se destaca, principalmente devido aos

aspectos geomorfológicos (que dão origem ao cenário principal – as Torres) e à presença de rochas diferentes daquelas que ocorrem na Cachoeira do Pinga e na Ponta da Serra. Ao contrário do que muitos pensam, o local não é propício para a prática do turismo de aventura. A área não está propensa à prática do rapel, nem a escalada, em virtude da sua fragilidade.

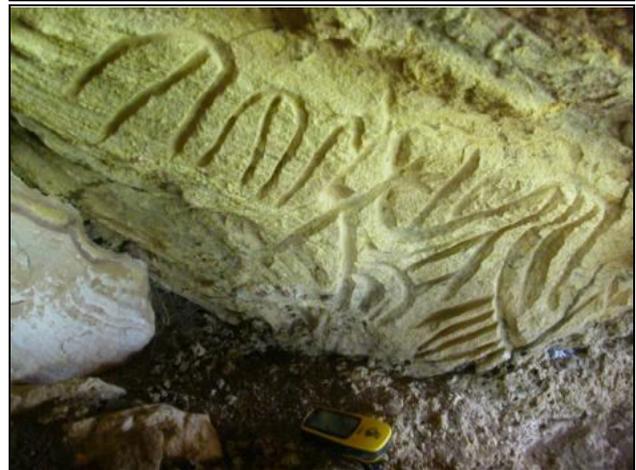
No percurso realizado ao longo da trilha existem algumas pequenas placas que mostram a preocupação com a conservação do local (e com a sensibilização ambiental) e permitem a orientação rumo às Torres, bem como ao Sítio Arqueológico do Letreiro. O caminho até este último atrativo permite a prática do ecoturismo e do geoturismo.

O Sítio Arqueológico Pedra do Letreiro:

Apesar desse Sítio fazer parte dos atrativos histórico-culturais, optou-se por incluí-lo nos atrativos naturais, pois no mesmo permite a prática do ecoturismo e principalmente do geoturismo. O acesso ao Sítio Arqueológico Pedra do Letreiro se dá através da mesma trilha que leva às Torres. Porém, próximo a chegada das Torres há um desvio que leva ao Sítio Arqueológico. Esse local foi descoberto por pesquisadores do Núcleo de Arqueologia da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, no entanto nativos já tinham conhecimento acerca do local.

O local está situado a cerca de 643 metros de altitude, na beira de um precipício, o qual proporciona uma visão panorâmica do sertão e das demais serras da região. Para se chegar ao local onde ocorrem essas gravuras é necessário entrar numa pequena gruta originada pela queda da rocha, cuja entrada tem cerca de 60 centímetros de altura por 2 metros de largura. No Sítio Arqueológico são encontradas gravuras rupestres em baixo relevo (Figuras 8 e 9).

Essas gravuras, provavelmente estão relacionadas com as gravuras da Tradição Itaquiariaras, por ser essa tradição a única que se apresenta sob a forma de gravuras. As demais tradições de registros rupestres (Nordeste e Agreste) são encontradas como pinturas nas rochas. Os registros rupestres são fortes indícios da presença humana no Rio Grande do Norte pré-histórico. As gravuras da Tradição Itaquiariaras, segundo Martin (1997), aparecem em blocos ou rochas. Nelas são comuns grafismos puros e sinais tridígitos, círculos, linhas e quadrados, semelhante àqueles encontrados no Sítio Arqueológico Pedra do Letreiro. Essa tradição é a que mais tem prestado interpretações fantásticas e fantasiosas (Martin, 1997). Um dos exemplos clássicos dessas gravuras é a Pedra do Ingá, na Paraíba.



Figuras 8 e 9 – Exemplos das gravuras rupestres encontradas no Sítio Arqueológico Pedra do Letreiro.
 Foto: Marcos Nascimento.

A prática do ecoturismo neste local pode ser dada observando a fauna e a flora existente ao longo da trilha. Porém é o geoturismo o principal segmento do turismo de natureza a ser praticado no local. O atrativo está associado à geologia e à geomorfologia da região, denotado pelas rochas onde se encontram as gravuras e a bela paisagem encontrada no local, definida por serras de topo irregular (formada por rochas magmáticas e metamórficas) e de topo plano (formada pelas rochas sedimentares) (Figura 10).

O Sítio Arqueológico Furna do Pelado: Da mesma forma que o Sítio anterior, este aqui também se enquadra na proposta de associação com o turismo de natureza.

O mesmo também foi descoberto pelo Núcleo de Estudos Arqueológicos da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte. Nele são encontradas gravuras rupestres semelhantes àquelas citadas no Sítio Arqueológico Pedra do Letreiro. Encontra-se situado à beira de um precipício, a uma altitude mais elevada que a do Sítio anterior, a cerca de 679 metros em relação ao nível do mar, proporcionando uma visão panorâmica do sertão e demais serras ao fundo. O acesso é feito por trilhas e está situado no

Sítio Serrinha, a uma distância de 13 km do centro da cidade, na direção oeste, sentido oposto ao Sítio descrito anteriormente.

A trilha para se chegar a esse sítio permite a prática do ecoturismo, enquanto que o geoturismo está diretamente relacionado ao meio físico encontrado, evidenciado, principalmente, pelas rochas sedimentares (arenitos) lá expostas.

A Trilha Portalegre-Martins-Portalegre: Essa trilha corresponde ao antigo caminho realizado pelos agentes dos Correios. O acesso não é muito fácil por se tratar de uma trilha quase inexplorada. O percurso de 12 km, a partir do centro da cidade, rumo a leste, pode ser feito a pé ou a cavalo, e é marcado por descidas e subidas íngremes.

A paisagem encontrada nessa trilha encanta e compensa qualquer esforço, contemplando-se ao longo do trajeto o Morro dos Urubus e o divisor natural da Serra de Portalegre e de Martins – o Riacho da Forquilha; e nas proximidades deste riacho, tem-se como parada obrigatória, uma fazenda praticamente abandonada, mas que suas árvores frutíferas convidam a saborear seus frutos, observando as ruínas de uma de suas poucas casas e um estábulo, herança dos antigos moradores (VIANA, 2006).

Ao longo da caminhada o ecoturismo pode ser praticado através da observação da variação existente entre a flora do Brejo de Altitude e a da Caatinga. Observar pássaros também pode ser uma atividade muito interessante no percurso da trilha. Reconhecer os diferentes tipos de rochas, bem como a variação do relevo, saindo de uma região de alta topografia, passando por um baixo topográfico (onde corre o Riacho da Forquilha) e retornando a um outro alto topográfico possibilita deslumbrar cenários belíssimos para a prática do geoturismo. A

caminhada em si já é considerada uma prática do turismo de aventura, que neste caso está relacionada a de curta duração, por não ser superior a um dia. A atividade equestre também pode ser realizada, sendo mais uma atrativo do turismo de aventura.

A Trilha do Varelo: Esta trilha encontra-se próxima ao Sítio Pêga a cerca de 6 km do centro da cidade, no sentido oeste. O local é ideal para momentos de paz e harmonia com a natureza. Por entre enormes rochas, corre água, proveniente de riachos e açude circunvizinhos, onde a vegetação surge por entre fendas abertas nas rochas.

Associar o ecoturismo ao geoturismo é permitir nessa trilha conhecer mais sobre a fauna e flora típica do local, além de descobrir porque as rochas servem de conduto/passagem para os riachos. A caminhada por si só permite a prática do turismo de aventura.

O Talhado: este atrativo localiza-se no Sítio Bom Jardim, a 7 km do centro da cidade, na direção oeste. Este local é um dos mais recomendados à prática do turismo de aventura, uma vez que lá é possível desenvolver trilhas marcantes e a prática do rapel. Nos períodos chuvosos, melhor período para visitar o local, há corredeiras, onde se formam pequenas e grandes quedas de água.

Novamente é pertinente fazer ressalvas quanto ao rapel, já que para a prática de tal atividade são necessárias às presenças de profissionais capacitados e equipamentos de segurança, e o Município não dispõe de tais elementos no momento. Recentemente, a Prefeitura de Portalegre abriu uma trilha que pode ser feita sem ir pelo córrego, local onde as rochas com água escorregam como sabão. Com a nova trilha, a distância a pé ao Talhado deve ficar em torno de 15 minutos.

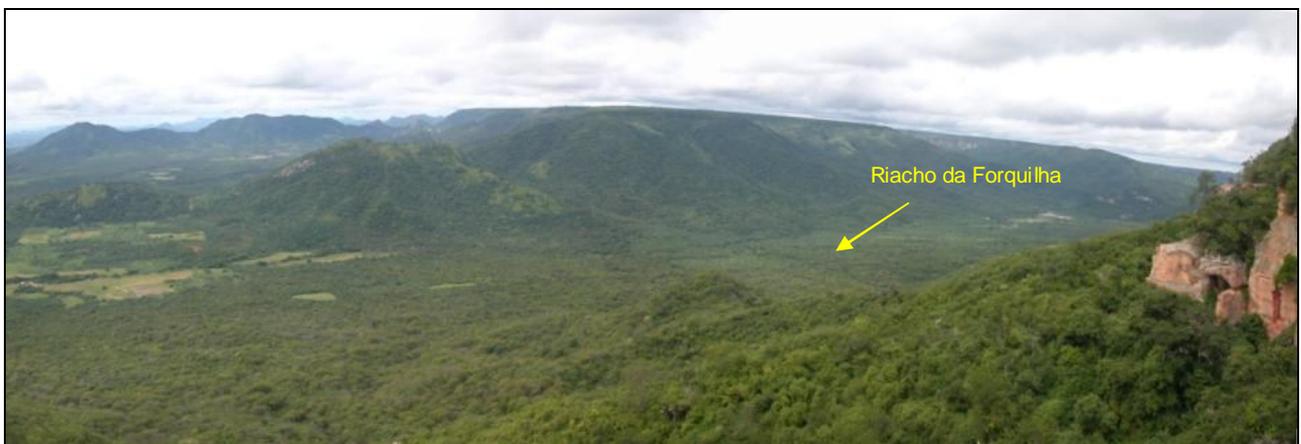


Figura 10 – Visão panorâmica observada a partir do Sítio Arqueológico Pedra do Letreiro em direção a Serra de Martins. A variação da geomorfologia (relevo) é dada pela presença de rochas sedimentares (em topo plano – no centro da foto) e as metamórficas (em topo irregular – a esquerda da foto). Na porção de nível topográfico mais baixo encontra-se o Riacho da Forquilha. Foto: Marcos Nascimento.

A Cova da Índia: Este atrativo encontra-se próximo à Fonte da Bica, a cerca de 1 km do centro da cidade, podendo também pode ser visto do Mirante da Boa Vista. O acesso é feito por uma trilha que termina próximo ao pé da serra que se destaca na paisagem por não apresentar vegetação no seu entorno.

Apesar de não estar diretamente relacionada à prática de nenhum segmento do turismo de natureza, é importante citar esse atrativo, pois o mesmo tem uma relação com atrativos ligados ao ecoturismo (flora da serra) e geoturismo (geomorfologia). Além disso, é parte de uma lenda local, onde é relatado que durante os conflitos entre portugueses e os silvícolas (os habitantes originais), pela ocupação do Município. A índia Cantofa teria sido assassinada na frente de sua neta Jandy enquanto rezava o ofício de Nossa Senhora. Tendo sido ela, a índia Cantofa, enterrada no local denominado “Cova da Índia” e, por isso, lá não nasce vegetação. A localidade oferece uma bela visão da serra e do sertão logo abaixo.

O Mirante da Boa Vista: Apesar de ser considerado um equipamento turístico (Figura 11 e 12), o local situado a cerca de 1 km do centro, no sentido noroeste, permite a contemplação de uma

paisagem belíssima, onde é possível verificar a mudança da topográfica saindo de uma serra com topo plano (planalto) até chegar à região de cota topográfica baixa, chamada de depressão sertaneja.

O relevo associado à vegetação adensada possibilita contemplar numa única visão atrativos do geoturismo e do ecoturismo.



Figura 11 – Aspecto geral do Restaurante no Mirante da Boa Vista. Foto: Marcos Nascimento.

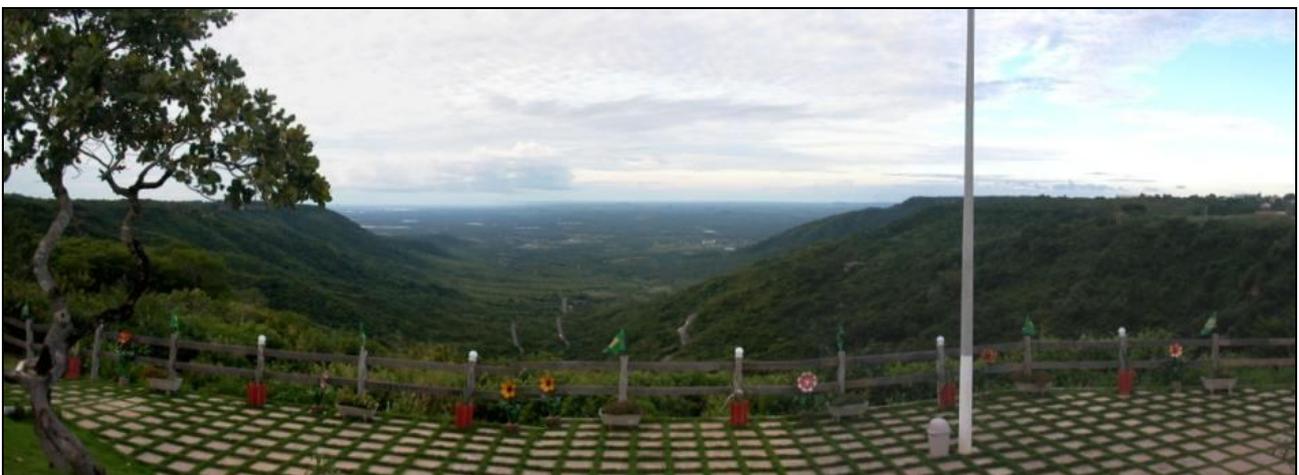


Figura 12 – Visão panorâmica observada a partir do Mirante da Boa Vista. Notar nas laterais a Serra de Portalegre com topo plano e ao fundo a depressão sertaneja, região da caatinga, com fauna e flora diferente da encontrada no alto da serra. Foto: Marcos Nascimento.

Avaliação dos Atrativos Naturais como Potencial Turístico

Diante do exposto, observa-se que entre os diferentes atrativos encontrados em Portalegre, aqueles relacionados com a natureza são os mais importantes e passíveis de transformação em produto turístico. Eles podem ser bem exemplificados através do Mapa Turístico para os atrativos do Turismo de Natureza, proposto neste trabalho (Figura 13).

A Secretaria Municipal de Turismo e Meio Ambiente de Portalegre já sabe do potencial turístico que o município tem com relação à natureza. As belezas naturais são as principais atrações encontradas, por exemplo, no folder promocional de turismo da Prefeitura.

Porém não adianta somente saber que existem tais belezas. É importante também compreender como elas podem se tornar produto turístico na concepção do turismo sustentável, permitindo assim que esses potenciais atendam as necessidades da

geração atual sem comprometer os recursos naturais para a satisfação das gerações futuras. Seguindo exemplos de sucesso é importante os gestores públicos do município adotar e seguir o lema inicial para a prática do turismo de natureza em Bonito (MS) - “manter hoje para ter sempre”. Assim se

resume o respeito de Bonito aos princípios da sustentabilidade para garantir atrativos e conquistas singulares, sendo hoje considerado - pela sexta vez - o melhor destino para se praticar o ecoturismo no Brasil.

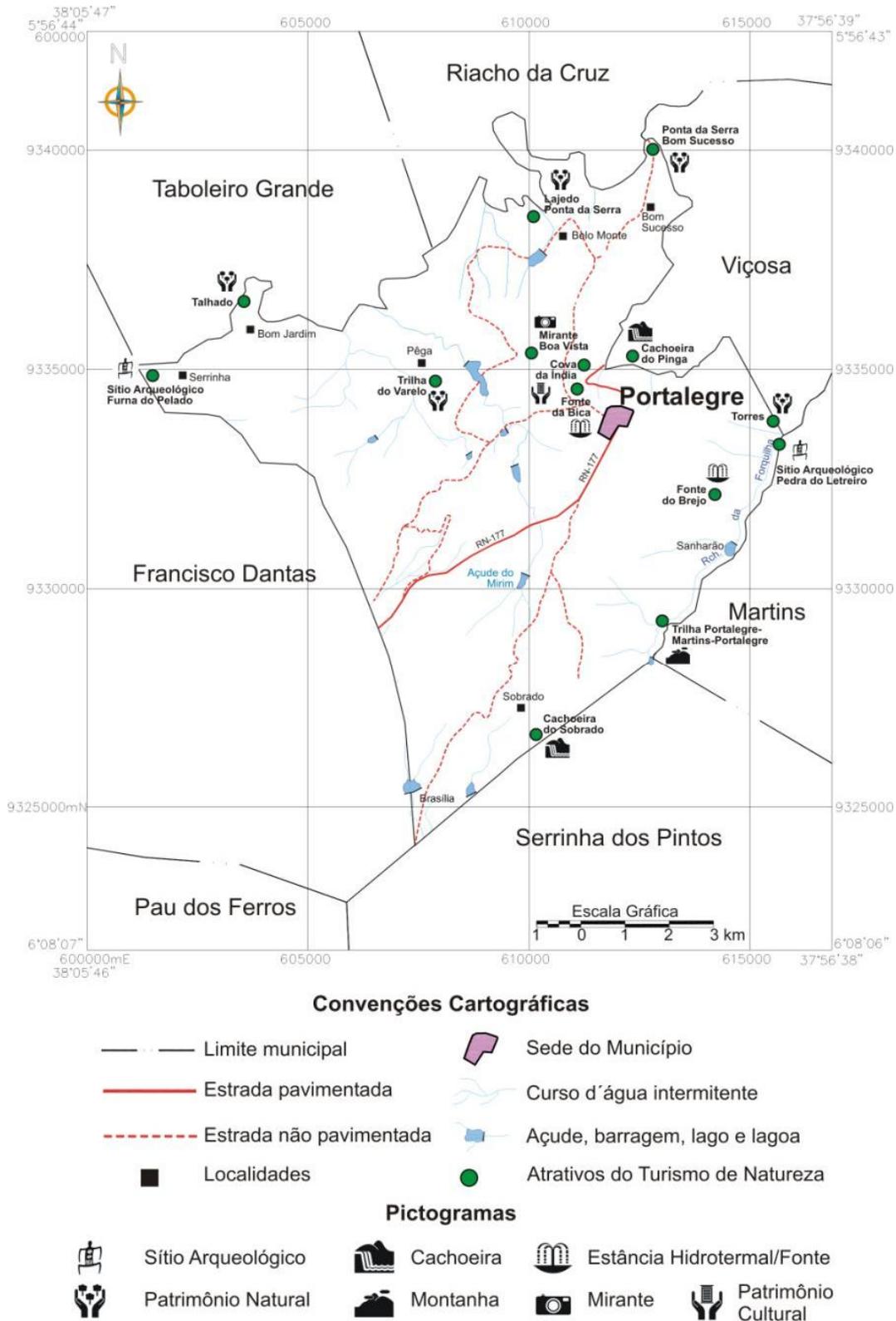


Figura 13 – Proposta de Mapa Turístico para os atrativos do Turismo de Natureza encontrados em Portalegre (VIANA, 2006).

A individualização do turismo de natureza em diferentes segmentos permite trabalhar melhor, e de forma sustentável, a natureza e compreender os diferentes processos que dão origem a tais

segmentos. A Tabela 2 mostra os atrativos naturais e sua relação com os diferentes segmentos associados ao turismo de natureza, em Portalegre.

Tabela 2 – Relação entre os segmentos do turismo de natureza com os atrativos naturais encontrados no Município de Portalegre.

Atrativo Natural	Ecoturismo	Geoturismo	Turismo de Aventura
Cachoeira do Pinga			
Cachoeira do Sobrado			
Fonte da Bica			
Fonte do Brejo			
Lajedo Ponta da Serra			
Ponta da Serra – Bom Sucesso			
Torres			
Sítio Arqueológico Pedra do Letreiro			
Sítio Arqueológico Furna do Pelado			
Trilha Portalegre-Martins-Portalegre			
Trilha do Varelo			
Talhado			
Cova da Índia			
Mirante Boa Vista			

Recentemente, Aldatz (2005) estudando as potencialidades do Município de Portalegre sugeriu inúmeros atrativos para a prática do ecoturismo. Contudo, o mesmo abordou apenas a biodiversidade da região. O presente artigo vem, portanto, complementar os estudos realizado por Aldatz (2005), permitindo assim uma compreensão maior acerca do patrimônio natural do Município de Portalegre.

Considerações Finais

Diante do que foi exposto ao longo deste artigo percebe-se que Portalegre é um município rico em natural, apresentando recursos potenciais que podem ser viabilizados economicamente pelo turismo.

No município o turismo ainda é uma atividade nova, tendo o início de sua prática há apenas alguns poucos anos. Todavia, os atores do processo – população, iniciativa, pública e privada – têm interesse em desenvolver a atividade turística. A população portalegrense deseja a inserção de novas atividades econômicas em sua região; realmente conhecem a atividade turística e sabem do potencial de seu município para tal atividade, no entanto não se sentem motivados a participar do processo, não acreditam que o turismo possa se desenvolver em sua plenitude no Município. Não por motivos pessoais ou por falta de incentivo da Secretaria

Municipal de Meio Ambiente e Turismo, mas por um conjunto de fatores, entre os quais se destacam: questões políticas e financeiras, falta de capacitação da mão-de-obra, ausência de um calendário fixo de eventos e a má divulgação do Município dentro do Estado.

O Governo Municipal desenvolve o Turismo de acordo com os subsídios que dispõe, mas falta apoio e incentivo no âmbito Estadual e Federal, que finda gerando problemas no decorrer do processo.

Apesar da atividade não ser amplamente desenvolvida, a estrutura básica de equipamentos turísticos existentes no Município é composta por elementos expressivos, como hotel de médio porte, pousadas, restaurantes, lanchonetes, clubes, áreas de lazer, entre outros.

Como o Município já dispõem de um acervo básico de infra-estrutura turística, como também possui uma grande diversidade de atrativos naturais, proporcionando o desenvolvimento dos segmentos turísticos, tais como: o Ecoturismo, que é incentivado dentro de suas possibilidades, com ações que dão condições ao manuseio desses cenários, como a manutenção das trilhas, infra-estrutura básica - lixeiras, pontes de acesso aos locais mais difíceis, placas informativas (ainda que primárias, necessitando de melhorias), entre outros; o Geoturismo, que ainda é um termo desconhecido pela população e colaboradores do setor, no entanto, a Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Turismo

detém conhecimento acerca do tema e sabe do potencial que o Município possui; no Turismo de aventura, o Município possui potencial para a prática de alguns esportes – atividades ciclísticas, equestres, fora de estrada, caminhadas, montanhismos, tirolesa, balonismo, parapente, entre outros – no entanto, a secretária de turismo, a Senhorita Maria Aucely da Costa fez algumas ressalvas sobre a prática do Rapel e Escalada. Ela relatou casos de turistas e autóctones que sofreram acidentes por não possuir o conhecimento e experiências necessárias para a execução de tais esportes. Outra consideração a ser feita sobre este assunto é a fragilidade dos recursos naturais lá existentes, que torna ainda mais inadequada a prática desses esportes.

Para que o Turismo de Natureza seja praticado de forma sustentável é indispensável a educação ambiental. Para tanto o Município desenvolve projetos nas escolas, onde os alunos são estimulados e esclarecidos acerca de ações que promovam a conservação do meio ambiente, tais como coleta seletiva de lixo, reciclagem, limpeza urbana, entre outros. Além desta ação promovida nas escolas, há a expansão desta conscientização ambiental para a comunidade como um todo, com ações de contato individual com cada cidadão. Observou-se que ainda falta e é indispensável trabalhos/ações que também permitam o conhecimento sobre os diferentes cenários naturais encontrados no município, compreendendo melhor o que é biodiversidade, geodiversidade entre outros temas importantes.

A partir deste conjunto de ações é possível implantar a referida estratégia de *marketing* citada ao longo desse trabalho, e em destaque no capítulo VI - a *ISAveP – Semana de Aventura e Ecoturismo de Portalegre/RN*, onde é possível aproveitar de forma sustentável a garantir os benefícios advindos com o turismo para todos os atores envolvidos. Fortificando a identidade cultural e ambiental, para que a auto-estima da população seja restabelecida, uma vez que este é um dos principais motivos que levam a comunidade a se sentir excluída do cenário turístico estadual.

Referências

- ALDATZ, J.P. 2005. *Avaliação da potencialidade do município de Portalegre/RN para a prática de ecoturismo*. Natal, UFRN, 2005. Trabalho de conclusão de curso, Departamento de Botânica, Ecologia e Zoologia, Curso de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 43p.
- ANSARAH, M.G.R. 1999. *Turismo: segmentação de mercado*. São Paulo: Futura.
- BRANDON, K. 1996. *Ecotourism and Conservation: A Review of Key Issues*. Artigo do Environment Department No. 23, Washington, DC: Banco Mundial.

É necessário que as autoridades competentes, bem como os investidores do setor promovam uma estruturação turística mais elaborada e profunda, que atinja níveis sociais mais elevados, para que dessa forma o processo turístico flua até atingir as metas ambientais, sociais e econômicas desejadas.

Sugestões

Para que o Turismo de Natureza seja implantado de forma sustentável no Município de Portalegre/RN são necessárias algumas alterações em sua estrutura física e organizacional vigente. Seguem algumas sugestões:

- Sinalizar com placas todos os atrativos turísticos e/ou melhorar aqueles que já se encontram sinalizados;
- Equipar de forma planejada os atrativos turísticos, levando em consideração a amenização do impacto ambiental;
- Desenvolver um programa de educação ambiental a nível municipal (e quem sabe, estadual), começando com as escolas até atingir a sociedade local como um todo;
- Inserir programas de capacitação para os colaboradores do processo, através de parcerias da iniciativa pública e privada;
- Promover palestras e oficinas para a população, com temas variados – ambientais, sociais, administrativos, entre outros;
- Incentivar a abertura de novos empreendimentos no Município, desde que estejam firmados com base no desenvolvimento sustentável;
- Incentivar parcerias com a iniciativa privada e pública municipal e estadual;
- Promover um roteiro turístico permanente, ajustável de acordo com a época do ano; e
- Desenvolver uma campanha de *marketing* mais elaborada, que atinja todo o Estado e incentive a prática do Turismo de Natureza.

- BRILHA J. 2005. *Patrimônio Geológico e Geoconservação: a conservação da natureza na sua vertente geológica*. Palimage Editores, Braga/Portugal, 190p.
- BUCKLEY, R. 2003. Environmental inputs and outputs in ecotourism: geotourism with a positive triple bottom line? *Journal of Ecotourism*, 2: 76-82.
- CEBALLOS-LASCURÀIN, H. 1987. Estudio de prefactibilidad socioeconômica del turismo ecológico y anteproyecto arquitectónico y urbanístico del centro de turismo ecológico de la reserva de la Biosfera de Sian kaán, Q.R., México. SEDEE, Mexico. 213 p.
- COSTA P.C. 2002. *Ecoturismo*. Coleção ABC do Turismo, Editora Aleph, São Paulo/SP, 86p.
- DOWLING, R. & NEWSOME, D. 2006. *Geotourism: Sustainability, impacts and management*. Elsevier, 352p.
- EAGLES, P. F. J. 1995. – Understanding the Market for Sustainable Tourism. In: Linking tourism, the environment and sustainability, S. F. McCool & A. E. Watson (Ed.), USDA Forest Service, General Technical Report INT-GTR-323, Ogden, UT: Intermountain Research Station, pp. 25-33.
- EAGLES, P. F. J. 2001. International Trends in Park Tourism. EUROPARC 2001, Edition 4, Matrei, 43 pp.
- EMBRATUR 1994. Diretrizes para uma Política Nacional de Ecoturismo. Brasília, 48p.
- FENELL, D.A. 2002. *Ecoturismo: uma introdução*. Coleção Turismo Contexto, Editora Contexto, São Paulo/SP, 281p.
- FENNELL, D.A. e EAGLES, P.F.J. 1990. Ecotourism in Costa Rica: a conceptual framework. *Journal of Applied Recreation Research*, 20(3): 163-184.
- GAROFANO, M. 2003. *Geoturismo: scoprire le bellezze della terra viaggiando*. DPS edizioni, Itália, 114p.
- GOODWIN, H. 1996. In pursuit of ecotourism. *Biodiversity and Conservation*, 5(3): 277-291.
- HALBERTSMA, N.F. 1998. Proper management is a must. *Naturopa*, 59: 23-24.
- HOSE, T.A. 1995. Selling the Story of Britain's Stone. *Environmental Interpretation*, 2: 16-17.
- HOSE T.A. 2000. European Geotourism - geological interpretation and geoconservation promotion for tourists. Baretino D.; Wimbledon W.A.P.; Gallego E. (eds). *Geological Heritage: Its Conservation and Management*. Madrid, Sociedad Geologica de Espana/Instituto Tecnológico GeoMinero de Espana/ProGEO, 127-146.
- INSTITUTO DE ECOTURISMO DO BRASIL, 1996. Disponível em: <http://www.ecoturismo.org.br>. Acesso em: 11 abr. 2006.
- KINKER, S. 2002. *Ecoturismo e Conservação da Natureza em Parques Nacionais*. Editora Papirus, 256p.
- KUTAY, K. 1989. The new ethic in adventure travel. *Buzzworm: The Environment Journal*, 1(4): 31-34.
- LAARMAN, J.G. e DURTS, P.B. 1987. Nature travel and tropical forests. FPEI Working Paper Series, Southeastern Center for Forest Economics Research, Carolina do Norte: State University, Raleigh.
- LINDBERG, K. & HAWKINS, D.E. 1998. *Ecoturismo: um guia para planejamento e gestão*. Editora SENAC, 292p.
- MACHADO, A. 2005. *Ecoturismo: um produto viável*. SENAC, 104p.
- MARTIN, G. 1997. *Pré-história do Nordeste do Brasil*. 2.ed. atual. Recife: Ed. Universitária da UFPE.
- MCKERHER, B. 2002. *Turismo de Natureza: Planejamento e Sustentabilidade*. Contexto, 304p.

- MENDONÇA, R. & NEIMAN, Z. 2005. *Ecoturismo no Brasil*. editora Manole, 308p.
- MINISTÉRIO DO TURISMO 2004. Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil, 32p.
- NASCIMENTO M.A.L.; CARVALHO Y.G.; MEDEIROS W.D.A.; TINOCO D.B. 2005. A implantação do geoturismo no Pólo Seridó (sertão Potiguar): necessidade para a conservação do patrimônio natural do Rio Grande do Norte. In: Encontro Nacional de Turismo de Base Local (ENTBL), 9, Recife, GT 06 – Ecoturismo, Educação Ambiental e Conservação da Natureza – 06RO011.doc, 4p, em CD-Rom.
- NASCIMENTO M.A.L.; RUCHKYS U.A.; MANTESSO NETO V.; MANSUR K. 2006. O trinômio Geodiversidade, geoconservação e geoturismo: conceitos necessários para a divulgação do patrimônio geológico. In: SBG/Núcleo BA-SE, Cong. Bras. Geol., 43, Aracaju/SE, 90-90.
- PIRES, P.S. 1998. *Dimensões do Ecoturismo*. Editora SENAC, 272p.
- RODRIGUES, A.B. 2003. *Ecoturismo no Brasil: possibilidades e limites*. Contexto, 136p.
- RUCHKYS, U.A. 2007. *Patrimônio geológico e geoconservação no Quadrilátero Ferrífero, Minas Gerais: potencial para a criação de um geoparque da UNESCO*. Instituto de geociências, universidade federal de Minas gerais, Belo Horizonte, tese de Doutorado, 211p.
- RUSCHMANN, D.M. 1994. O Planejamento do Turismo e a Proteção do Meio Ambiente. Tese de Doutorado na Área de Ciências da Comunicação. Universidade de São Paulo, Escola de Comunicações e Artes, 268 pg.
- TULIK, O. 1993. *Recursos Naturais e Turismo: Tendências Contemporâneas*. Turismo em Análise, 4: 26-39.
- VIANA, F.C. 2006. *O Turismo de Natureza como atrativo turístico do Município de Portalegre/RN*. Monografia de Graduação. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Curso de Turismo, 89p.
- WALLACE, G.N. e PIERCE, S.M. 1996. An evaluation of ecotourism in Amazonas, Brazil. *Annals of Tourism Research*, 23(4): 843-873.
- WEARING, S. e NEIL, J. 2001. *Ecoturismo: impactos, potencialidades e possibilidades*. Editora Manole, Barueri/SP, 256p.
- WOOD, M. E. 2002. *Ecotourism: Principles, Practices & Policies for Sustainability*. United Nations Environment Programme (UNEP), First Edition, United Nations Publication, Paris, 63 pp.
- ZIFFER, K. 1989. *Ecotourism: The Uneasy Alliance*. Artigo de trabalho N. 1, Conservation International, Washington, DC.
-

Fluxo editorial:

Recebido em: 05.05.2009
Enviado para avaliação em: 03.06.2009
Reprovado em: 08.08.2009
Re-submetido em: 02.09.2009
Aprovado em: 08.09.2009



A *Pesquisas em Turismo e Paisagens Cársticas* é uma publicação da Seção de Espeleoturismo da Sociedade Brasileira de Espeleologia (SeTur/SBE). Para submissão de artigos ou consulta aos já publicados visite:

www.sbe.com.br/turismo.asp
